

Educação em Dor Durante a Residência Médica em Neurologia no Brasil: a Ponta do Iceberg

Gabriel T. Kubota¹, Marina Cecchini¹, Camila Aquino², Arthur J. M. Lopes¹, Catarina C. Lins¹, Julio C. B. Oliveira¹, Ricardo Galhardoni^{1,3,4}, Rogerio A A Oliveira¹, Valquiria A. Silva¹, Lin T. Yeng^{1,5}, Manoel J. Teixeira¹, Daniel C. de Andrade¹

1. Grupo de Dor, Departamento de Neurologia, Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo
2. Universidade Federal de São Paulo
3. Laboratório de Estimulação Magnética Transcraniana, Instituto de Neurociências, Universidade de São Paulo
4. Faculdade de Medicina da Universidade da Cidade de São Paulo
5. Instituto de Medicina Física e Reabilitação, Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo

Contexto

A dor crônica afeta um terço da população brasileira¹. Ela interfere de forma significativa na vida social e capacidade intelectual e profissional, além de gerar custos diretos e indiretos para os serviços de saúde^{1,2}. Ainda assim, a avaliação e tratamento do doente com dor é muito aquém do necessário^{2,3}. Parte desse cenário pode ser atribuído ao preparo inadequado do clínico no tratamento dessa condição⁴. Dessa forma, a educação médica na avaliação e tratamento do doente com dor tem ganhado maior atenção recentemente. No entanto, pouco é conhecido sobre o aprendizado em dor entre neurologistas, em algumas áreas do mundo.

Metodologia

Um questionário eletrônico foi enviado para todos os médicos aprovados na prova de título de Neurologia da Academia Brasileira de Neurologia nos anos de 2007 a 2017. Esse questionário era composto de 7 questões objetivas que abordavam aspectos da formação médica em dor durante a seus cursos graduação e especialização. As proporções das respostas obtidas foram então calculadas e correlacionadas. A relevância estatística das correlações obtidas foi avaliada através de testes de qui quadrado de Pearson com correção de continuidade de Yates, testes t de Student e teste do coeficiente de correlação ordinal de Spearman.

Objetivo

Avaliar a percepção de neurologistas formados no Brasil nos últimos 10 anos quanto a qualidade de seu treinamento no atendimento do doente com dor.

Resultados

O questionário foi visualizado por 369 e respondido por 116 (31,4%) desses. Daqueles que responderam, 70,4% eram homens. A proporção de sujeitos expostos a atividades didáticas em dor tendeu a ser maior no período de especialização (60,3%) do que na graduação (35,4%) ($p=0,059$). Entretanto, não houve diferença estatística quanto a impressão de influência positiva dessas estratégias na prática clínica entre os indivíduos expostos na graduação (19,5%) e os que foram expostos na residência (38,6%) ($p=0,286$) (**Gráfico 1**). Também, o ensino de dor, seja na graduação ou na especialização, não se correlacionou com a frequência com que esses neurologistas atendem doentes com dor crônica no dia-a-dia ($p=0,950$ e $p=0,796$, respectivamente). O grau de dificuldade em manejar doentes com dor crônica, graduado numa escala de 0 a 10, foi estatisticamente semelhante entre os indivíduos que foram e os que não foram expostos a atividades educativas em dor na graduação ($p=0,311$) e na residência ($p=0,602$) (**Gráfico 2**). A frequência com que esses profissionais atendem doentes com dor crônica também não se correlacionou significativamente com a dificuldade no manejo dos doentes ($p=0,1326$). O **Gráfico 3** apresenta os principais pontos que os sujeitos de pesquisa consideraram deficitários no seu aprendizado sobre dor crônica.

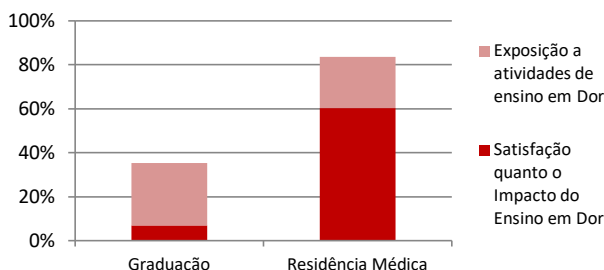


Gráfico 1. Exposição e Satisfação quanto a Atividades Didáticas em Dor na Graduação e na Residência em Neurologia

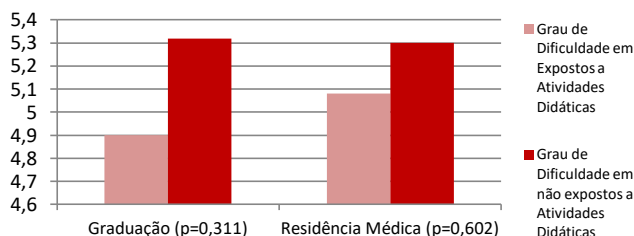


Gráfico 2. Frequência de atendimento e Grau de dificuldade no manejo do doente com dor crônica entre neurologistas

Discussão

Apesar da alta prevalência e fardos social e econômico que a dor crônica apresenta, o aprendizado do neurologista quanto à abordagem e tratamento desses pacientes ainda carece de melhoria. Essa deficiência do ensino médico aparenta estar presente tanto na graduação quanto na residência em neurologia. Os dados de nosso estudo, ainda que limitados pela alta taxa de não-resposta e, conseqüentemente, pela amostra pequena, subsidiam a necessidade de reestruturação do ensino em dor para o neurologista e, possivelmente, para os demais profissionais médicos.

Bibliografia

- Teixeira, M. J. Epidemiologia Clínica da Dor. in *Dor - Manual para o Clínico* 1-8 (Atheneu, 2006).
- Breivik, H., Collett, B., Ventafridda, V., Cohen, R. & Gallacher, D. Survey of chronic pain in Europe: prevalence, impact on daily life, and treatment. *Eur. J. Pain Lond. Engl.* **10**, 287-333 (2006).
- Apfelbaum, J. L., Chen, C., Mehta, S. S. & Gan, T. J. Postoperative pain experience: results from a national survey suggest postoperative pain continues to be undermanaged. *Anesth. Analg.* **97**, 534-540, table of contents (2003).
- Hoang, H. T., Sabia, M., Torjman, M. & Goldberg, M. E. The importance of medical education in the changing field of pain medicine. *Pain Manag.* **4**, 437-443 (2014).

Gráfico 3. Principais Pontos Deficitários no Ensino em Dor para o Neurologista

